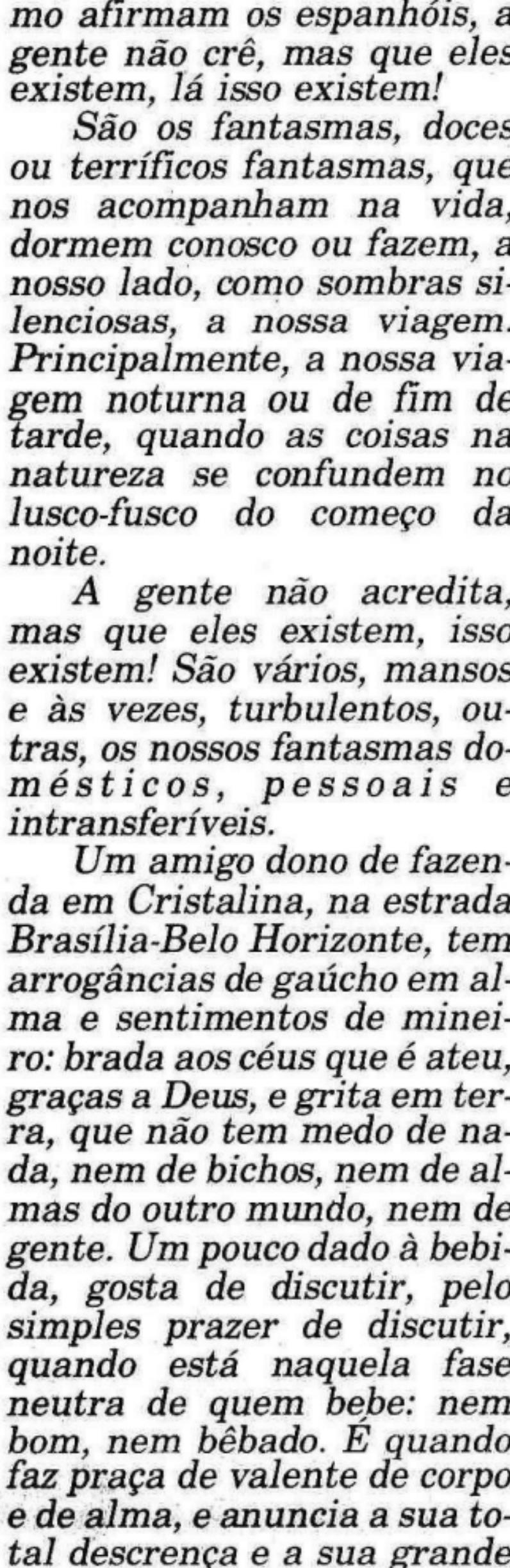


# crônica de

B R A S I L

CLEMENTE LUZ



## O VALENTÃO

A gente não acredita... Eu pelo menos, teimo em não acreditar neles, pois me considero forte de alma e de corpo, livre dos complexos, os mais íntimos, e das credi- cies, as mais comuns. Mas, como afirmam os espanhóis, a gente não crê, mas que eles existem, lá isso existem!

São os fantasmas, doces ou terríficos fantasmas, que nos acompanham na vida, dormem conosco ou fazem, a nosso lado, como sombras silenciosas, a nossa viagem. Principalmente, a nossa via- gem noturna ou de fim de tarde, quando as coisas na natureza se confundem no lusco-fusco do começo da noite.

A gente não acredita, mas que eles existem, isso existem! São vários, mansos e às vezes, turbulentos, outras, os nossos fantasmas domésticos, pessoais e intransferíveis.

Um amigo dono de fazenda em Cristalina, na estrada Brasília-Belo Horizonte, tem arrogâncias de gaúcho em alma e sentimentos de mineiro: brada aos céus que é ateu, graças a Deus, e grita em terra, que não tem medo de nada, nem de bichos, nem de almas do outro mundo, nem de gente. Um pouco dado à bebida, gosta de discutir, pelo simples prazer de discutir, quando está naquela fase neutra de quem bebe: nem bom, nem bêbado. É quando faz praça de valente de corpo e de alma, e anuncia a sua total descrença e a sua grande coragem.

Com todos nós, entretan- to, acontece o imprevisto. Ou, melhor dizendo, chega o dia da aferição de valores.

Certo sábado, o fazendeiro bebeu um pouco mais do que o necessário. E desde às 15h00, ainda no bar, come- çou, como era de hábito, a procurar companhia para a viagem de regresso à fazen- da. Embora valente e corajo- so, habitualmente procurava quem o acompanhava na marcha de 180 km. Sempre arranjava companheiro, entre os da roda de pinga e chope. Mas virava uma fúria desatada, quando alguém insinuava que ele tinha medo de viajar sozinho...